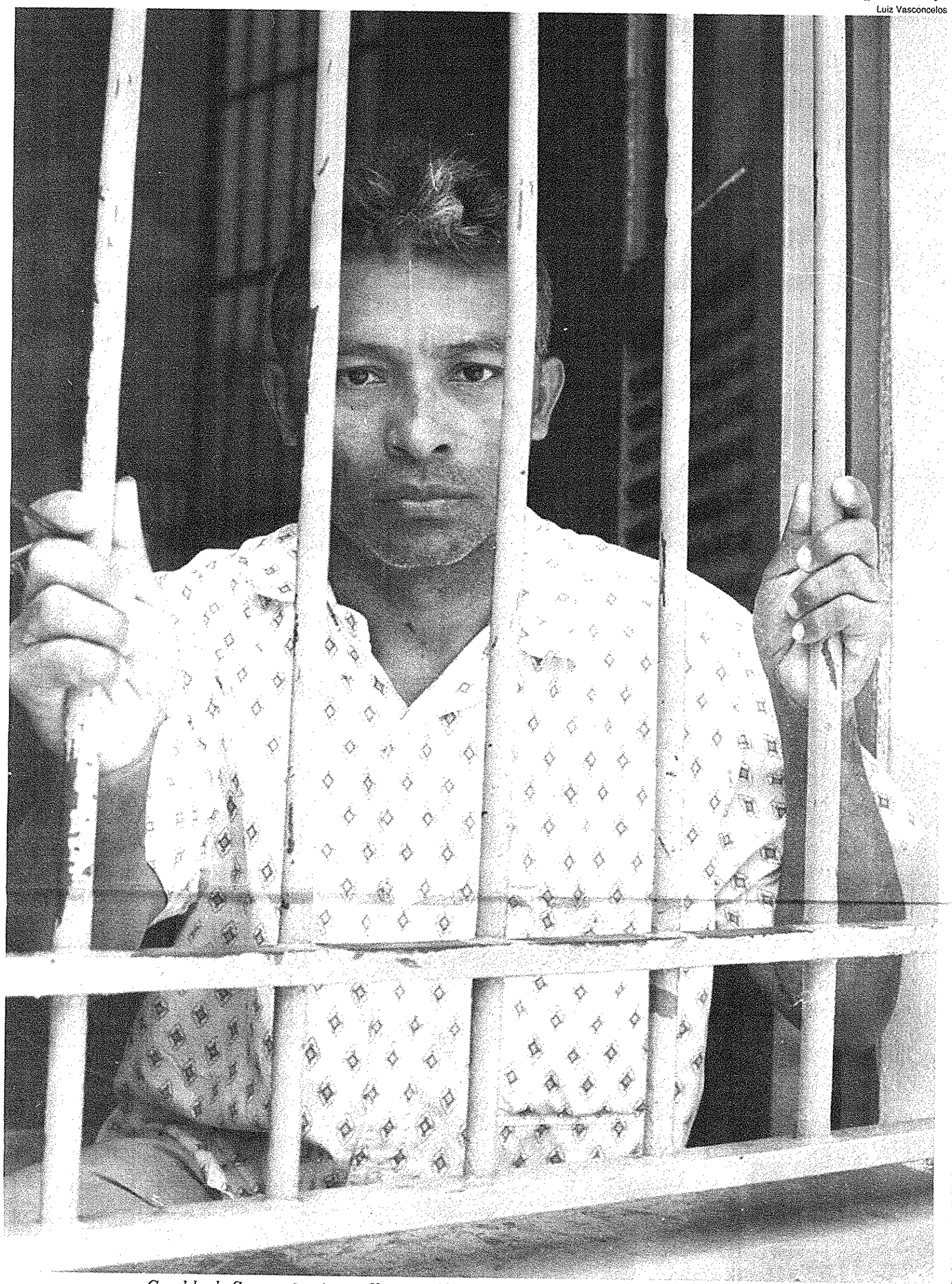
Acervo ISA

Documentação
Fonte A crítica
Data 14/3/99 Pg C7
Class. 205

Índio está preso no lugar de culpado

Há aproximadamente três anos, um índio está preso em Manaus no lugar de homem que confessou um assassinato em Boca do Acre, em 1996

Luiz Vasconcelos



Geraldo de Souza não vê a mulher e os filhos pequenos desde que foi preso na penitenciária Raimundo Vidal

Rodrigo Araújo

O índio aripuanã Geraldo Florentino de Souza, 38, está preso há mais de três anos injustamente. Em outubro de 1996, ele foi acusado, julgado e condenado a 12 anos de reclusão pelo assassinato do agricultor Raimundo João Abreu Souza, no município de Boca do Acre (a 1.038 quilômetros de Manaus). Três meses após a condenação, o verdadeiro assassino, Almerindo José da Silva Filho, 24, se apresentou à polícia voluntariamente e confessou o crime. Geraldo está preso na Penitenciária Desembargador Raimundo Vidal Pessoa, enquanto Almerindo goza de liberdade condicional em Boca do Acre.

Geraldo foi defendido pelo advogado da Fundação Nacional do Índio (Funai) – regional do Acre –, Levy de Souza. Logo após a condenação, este recorreu da decisão judicial. O processo está emperrado no Tribunal de Justiça do Amazonas (TJA) até hoje.

No final do mês passado, Levy solicitou ajuda do setor jurídico da Funai – regional Amazonas –, por causa da proximidade com o TJA. Os advogados Francisco Lima Matos, 57, e Roberto Alexandre, 52, se habilitaram no caso no início do mês e já estão preparando um pedido de revisão criminal, com o objetivo de libertar Geraldo o mais rapidamente possível.

Lima Matos disse que a primeira providência do setor jurídico da Funai será conseguir a liberdade de Geraldo. "Depois de libertado, cabe a ele decidir se vai ou não processar o estado por perdas e danos morais e materiais", explicou Matos, informando que o setor jurídico da Funai só recebeu o processo na quinta-feira passada.

Roberto Alexandre, o caso de Geraldo é "o mais grave erro judicial da história do Amazonas". Ele ponderou que se a pena de morte estivesse instituída no País, o índio apurinã já teria sido morto injustamente. "Casos como este é que foram levados em consideração na época em que se cogitou a instituição da pena de morte no Brasil", comentou.

Condenação – Geraldo foi levado a júri popular. O indígena foi condenado a 12 anos de prisão – por quatro votos a três –, após ficar preso por um ano e oito meses na cadeia pública de Boca do Acre. Depois da condenação, ele foi transferido para a Penitenciária Raimundo Vidal Pessoa, em Manaus.

Ainda na cadeia de Boca do Acre, Geraldo conheceu Almerindo, o verdadeiro assassino, que contou ter ficado sabendo da condenação na rodoviária de Porto Velho, quando estava prestes a embarcar para a Bahia. "Ele me disse que resolveu voltar para Boca do Acre e se entregar porque não achava correto eu pagar por um crime que não cometi. Se a Justiça também pensasse assim, eu não estaria preso há mais de três anos", desabafou Geraldo.

Agricultor foi assassinado

O agricultor Raimundo João Abreu Silva foi assassinado em outubro de 1996, com dois tiros de espingarda, quando saía de seu sítio, no quilômetro 94 da BR-317, que liga Rio Branco a Boca do Acre.

Segundo o inquérito policial, Raimundo saiu de casa em sua bicicleta e, minutos depois, sua esposa – sobrinha do índio Geraldo Florentino –, ouviu um disparo de espingarda. Quando ela chegou ao local, o marido estava caído no chão com o tórax apresentando várias perfurações. Ela saiu para procurar socorro e, instantes mais tarde, ouviu outro disparo. Retornando ao local, a mulher viu que o marido tinha recebido um tiro de espingarda à queima roupa no meio da testa.

A polícia levantou a hipótese de que Geraldo havia assassinado Raimundo depois de ter conhecimento de uma briga entre os dois. Segundo Geraldo, os dois brigaram porque Raimundo espancava regularmente sua esposa. "Ela é minha sobrinha e ninguém gosta de ver um parente apanhando. Mas a discussão não era motivo para eu matar Raimundo. Nos conhecíamos há nove anos e tínhamos uma relação amigável", afirmou Geraldo.

Segundo ele, Almerindo José – o verdadeiro assassino, que está em liberdade condicional –, disse que matou Raimundo por causa de uma briga. "Um dia eles brigaram e Raimundo feriu Almerindo com três tiros. Almerindo se recuperou e foi se vingar de Raimundo", explicou Geraldo.

Caso deixou índio revoltado

A condenação e a prisão injusta deixaram Geraldo Florentino de Souza revoltado. Há uma ano e oito meses ele não vê a esposa e os seis filhos menores. Para ele, a distância da família é o fator que mais causa angústia dentro da penitenciária. O índio apurinã tem medo de morrer dentro do presídio, longe da família, pois vem sofrendo fortes crises de úlcera.

Geraldo disse que só mantém contato com a família através de telefonemas. Ele explicou que sua esposa não tem condições de se locomover até Manaus para lhe fazer uma visita. "Para ela vir teria que trazer os seis filhos. O custo seria muito alto e não temos como levantar esses recursos", lamentou.

O índio informou que está desempregado e não tem como ganhar dinheiro. Para piorar a situação, ele vem sofrendo crises de úlcera. "Não tenho recursos para comprar os medicamentos necessários para fazer um tratamento adequado. Desde que cheguei no presídio, a doença me fez perder 22 quilos. Tenho medo de morrer preso, longe de minha família", desabafou Geraldo, dizendo que no mês passado sofreu uma crise e teve que ser removido para a fundação Centro de Oncologia (Cecon).

Na opinião de Geraldo, a Justiça ainda não autorizou seu alvará de soltura por causa da discriminação que a população indígena sofre no Amazonas. Para ele, os três anos em que esteve preso nunca mais serão recuperados. "Essa condenação me impediu de acompanhar o crescimento de meus filhos, isso eu nunca vou ter de volta. Além de perder três anos de minha vida, também perdi bens materiais, que tiveram de ser vendidos para bancar o meu sustento e de minha família", reclamou o índio, afirmando que vai se informar com os advogados para saber da possibilidade de processar o estado.